



Mariana Ferreira Tauchen

CORPO FEMININO

problematização da Vênus na escola

Mariana Ferreira Tauchen

CORPO FEMININO
problematização da Vênus na escola

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, realizado sob orientação da Prof^a Dorcas Weber.

Porto Alegre
2023

ficha catalográfica**CIP - Catalogação na Publicação**

Tauchen, Mariana Ferreira
CORPO FEMININO problematização da Vênus na escola /
Mariana Ferreira Tauchen. -- 2023.
57 f.
Orientadora: Dorcas Weber.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Artes, Licenciatura em Artes Visuais, Porto Alegre,
BR-RS, 2023.

1. Ensino de artes visuais. 2. Corpo feminino. 3.
Vênus. 4. Padrão de beleza. I. Weber, Dorcas, orient.
II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha gratidão à minha orientadora Dorcas Weber por me acompanhar nesta jornada, pela orientação precisa e pelos momentos de trocas. Por seu profissionalismo e dedicação em me ajudar a construir meu projeto.

Também gostaria de agradecer a minha família, a minha mãe Ângela Nara Ferreira e ao meu pai Jair Tauchen por sempre acreditar nos meus sonhos e em mim. Me incentivando a seguir meu caminho na arte. A meu irmão João pelas muitas trocas e conversas sobre os percursos da educação. A duas mulheres muito especiais em minha vida, vó Nelsi e minha mãe de coração Tita, professoras na qual me inspirei para seguir no caminho da educação. A minha dinda Angelita, em quem me inspiro que me ajudou nesta caminhada de lutar pela educação, de nunca perder o brilho nos olhos.

Aos meus amigos pelo suporte, em especial minha grande amiga e parceira das artes Isabelle Foliatti, pelas longas noites de produção e conversas. A Maria Patrícia Mazza e ao Samuel Girardi que estão presentes comigo desde o início dessa jornada quando ingressei na universidade, obrigada pelo afeto e por seguirmos juntos nessa caminhada.

E também aos meus filhos felinos: Oliver, Baguera e Artemísia Vitória pelos dias de fiscalização de produção deste trabalho e suporte. Ao meu companheiro Lucas pelo incentivo e pela parceria.

RESUMO

Este trabalho buscou compreender qual a relação entre o padrão corporalfeminino e a história da arte. Para tal foram realizados estudos teóricos a partir de algumas de suas Vênus e artistas contemporâneas que debatem questões relacionadas ao corpo feminino. Ainda, buscou-se compreender como a sociedade contemporânea tem lidado com o corpo a partir das pressões exercidas pelas redes sociais e outras mídias. A partir desses estudos foi elaborada e realizada uma proposta pedagógica junto a uma escola de ensino fundamental, durante o estágio de docência. Entende-se que abordar temas relacionados ao corpo na contemporaneidade seja fundamental para que os adolescentes pensem criticamente sobre consumo de informação que lhes chega por meio das mídias. Nesta pesquisa, percebi que o trabalho com os alunos contribui muito para a minha formação como docente e, de alguma forma, mobilizou um pensamento crítico e aberto nos alunos.

Palavras-chave: Ensino de artes visuais; Corpo feminino; Vênus; Padrão de beleza.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1 A REPRESENTAÇÃO DO CORPO FEMININO NA HISTÓRIA DA ARTE	10
2 O CORPO COMO POÉTICA	21
3 O CORPO NA CONTEMPORANEIDADE	34
4 PROBLEMATIZANDO A VÊNUS NA ESCOLA	40
CONCLUSÃO	50
REFERÊNCIAS	52

INTRODUÇÃO



O feminismo e o corpo fragmentado foram temas que me interessaram ao longo da graduação, em especial, quando tive uma disciplina de Seminário de História da Arte com a professora Daniela Kern na qual apresentou, em uma aula, artistas mulheres. A partir disso, comecei a me aprofundar na temática em meu trabalho poético e realizei pinturas com a temática de artistas mulheres da América Latina. No ano de 2021, na disciplina de desenho com a professora Kátia Prates, realizei um trabalho com o tema corpo e fragmento, foram feitos quatro desenhos de tamanhos variados com técnica mista: pastel seco, nanquim e caneta esferográfica. Para esse trabalho, parti a minha pesquisa com o livro “A política Sexual da Carne” de Carol J. Adams, que traz uma perspectiva vegetariana feminista. Neste conceito o que me instigou foi a questão do corpo feminino fragmentado partindo do pressuposto do referente ausente em que o corpo feminino é um sujeito e se transforma em objeto pelos meios de consumo. A ausência deste corpo como sujeito, por meio da estrutura do referente ausente, constrói uma condição de presença e ausência de determinados grupos oprimidos.

A partir dessas definições comecei a pesquisar sobre esse tema pensando no contexto das Artes Visuais e, em especial, de como por muito tempo o corpo feminino foi representado como um objeto, a partir de um olhar masculino. Neste contexto, há uma construção estereotipada a partir dos padrões, definidos por cada época, do que deveria ser um corpo feminino ideal. Com essa perspectiva a minha pesquisa em produção poética foi pensar na relação do corpo feminino fragmentado com duas abordagens, a primeira o corpo fragmentado sexualizado e objetificado fazendo uma crítica a sexualização e a objetificação do corpo feminino, e a segunda seria o corpo com uma relação da carne, do que está por dentro da pele.

Agora, no momento de finalização do curso de licenciatura em Artes Visuais, busquei trazer minhas pesquisas anteriores para as práticas do contexto escolar. Neste sentido, a questão que norteia esta pesquisa se centra em: qual a relação entre o atual padrão corporal feminino e a história da arte? A partir desta questão, buscou-se compreender as influências do percurso histórico da arte e, principalmente, a representação do corpo feminino na arte, na criação do padrão corporal feminino nas culturas contemporâneas a fim de

problematizar esta temática no contexto escolar.

Os padrões corporais femininos são representações retratadas de diversas formas na história da arte, principalmente no gênero de nu, como por exemplo a Vênus de Willendorf, encontrada na Áustria na cidade de Willendorf em 1908 e datada entre 25 mil e 28 mil anos a.C.. Esta é considerada a primeira representação registrada de corpo feminino. Ao longo da história da arte a representação do corpo feminino foi se modificando do renascimento até a contemporaneidade, sendo o corpo feminino representado muitas vezes como objeto pelas relações culturais nos espaços de poder.

Podemos perceber como estas definições estão presentes atualmente nas redes sociais e contribuem para essa estética de corpo feminino considerado ideal. Assim, de que maneira isso também contribui negativamente numa busca incessante para alcançar padrões de beleza instituídos socioculturalmente? Desta maneira, faz-se necessário compreender como essas relações podem estar presentes na escola e como essa busca pelos padrões corporais afeta os adolescentes na sua autoestima e saúde mental, que estão a todo momento sendo bombardeados nas redes sociais por essas imagens. A temática de padrões corporais geralmente é pouco trabalhada em sala de aula assim como as questões de gênero. Por isso, creio que seja fundamental ser debatida em sala de aula, para que assim os adolescentes possam aceitar e respeitar os seus próprios corpos e os de outros.

Assim, esta pesquisa foi realizada em duas etapas distintas. Primeiro foi realizada uma pesquisa teórica a fim de compreender e elaborar o referencial teórico que circulou por estudos da história da arte com a beleza das Vênus e outras artistas que problematizam os corpos femininos. A seguir, foram pensadas estratégias de intervenção no espaço escolar que problematizam a beleza dos corpos femininos e os padrões sociais. Os resultados destas ações compõem os capítulos deste trabalho.

1 A REPRESENTAÇÃO DO CORPO FEMININO NA HISTÓRIA DA ARTE



Mas não são apenas os aspectos perceptíveis através dos sentidos que exprimem a Beleza do objeto: no caso do corpo humano assumem um papel relevante também as qualidades da alma e do carácter, que são percebidas mais com olhos da mente do que com aqueles do corpo. (ECO, 2004, p.41)

Este capítulo busca realizar uma reflexão sobre a representação do corpo feminino na história da arte. Assim, será apresentado um parâmetro da história da arte com enfoque na representação da Vênus, em diferentes momentos, realizando um parâmetro entre a construção dos padrões de beleza e a representação do corpo feminino. A partir das distintas reproduções dessa alegoria a proposta é analisar a permanência e as modificações desta na pintura e na escultura e, sobretudo, qual sua relação com a construção de padrões corporais femininos presentes atualmente na mídia e nas redes sociais.

A construção do que é belo segundo Eco (2004, p.6), constitui:

Belo - junto com o 'gracioso', 'bonito' ou 'sublime', 'maravilhoso', 'soberbo' e expressões similares é um adjetivo que usamos para indicar algo que nos agrada. Parece que nesse sentido, aquilo que é belo é igual àquilo que é bom, e de fato, em diversas épocas históricas criou-se um laço estreito entre o Belo e o Bom.

Dessa forma, o autor, traz a questão referente a construção do que é "Belo", a partir da concepção dos artistas ao longo da história da arte, de que o "Belo" é algo bom a partir do entendimento do conjunto de regras da arte. Essa visão também constitui a idealização do padrão corporal feminino ao longo da história da arte, sobretudo com relação às questões sociais de cada época e da construção idealizada pelos artistas. É possível perceber que a representação da Vênus foi se modificando ao longo dos séculos, desde os registros em esculturas pré-históricas ao renascimento. Na Grécia Antiga, a deusa Afrodite é a deusa do amor, da beleza e da fertilidade. Historicamente seu culto na Grécia Antiga, possui influências trazidas da Ásia do culto de *Astarte* na Fenícia, e a deusa *Ishtar* dos acádios. As duas, Afrodite e Vênus, eram consideradas deusas do amor, e seus rituais e atributos, permanecem incorporados no culto grego. No período romano, a influência de Afrodite dá origem à deusa Vênus.

Vênus Willendorf

Figura 1. Vênus de Willendorf. Áustria, Museu de História Natural de Viena



Fonte: Disponível em

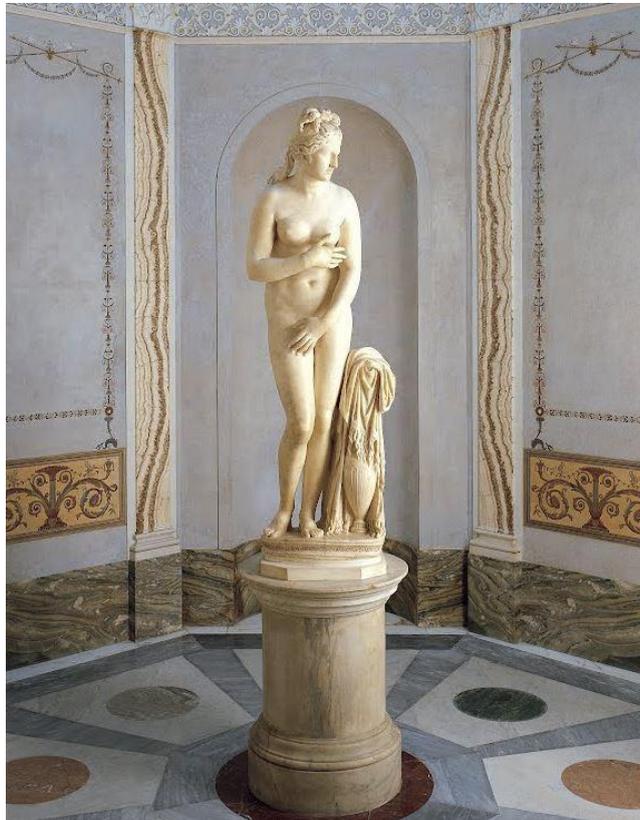
https://www.google.com/search?q=venus+de+willendorf&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=2ahUKEwiesZ2p9L39AhWlqZUCHYZVCj0Q_AUoAXoECAEQAw&biw=1680&bih=907&dpr=1#imgrc=YYzl2Mhtz4OCuM. Extraído em: 12 jan. 2023.

A Vênus de Willendorf, encontrada na Áustria, na cidade de Willendorf, em 1908 e datada entre 25 mil e 28 mil anos a.C., é considerada a primeira representação registrada de corpo feminino. Essa escultura mede 1,1 cm, elaborada com calcário constituído de oólitos, um material próprio do período jurássico, apresenta um corpo de uma mulher sem rosto, com tranças e corpo volumoso nos bustos e nos quadris, essa escultura pré histórica podemos constatar que a Vênus de Willendorf é um artefato de ordem religiosa arcaica, considerada símbolo da fertilidade, essa representação feminina de concepções distintas do que é considerado padrão de beleza no período da história da arte clássica ocidental. A nomenclatura "Vênus" foi atribuída após o período renascentista. Contudo, essa escultura é a representação do feminino, com características físicas vinculadas e utilitárias a fins reprodutivos¹.

¹ Extraído em: <https://www.infoescola.com/arqueologia/venus-de-willendorf/>. Acesso em: 16/01/2023.

Vênus Capitolina

Figura 2: Vênus Capitolina, 6 d.C.–192 d.C, Musei Capitolini, Roma, Itália



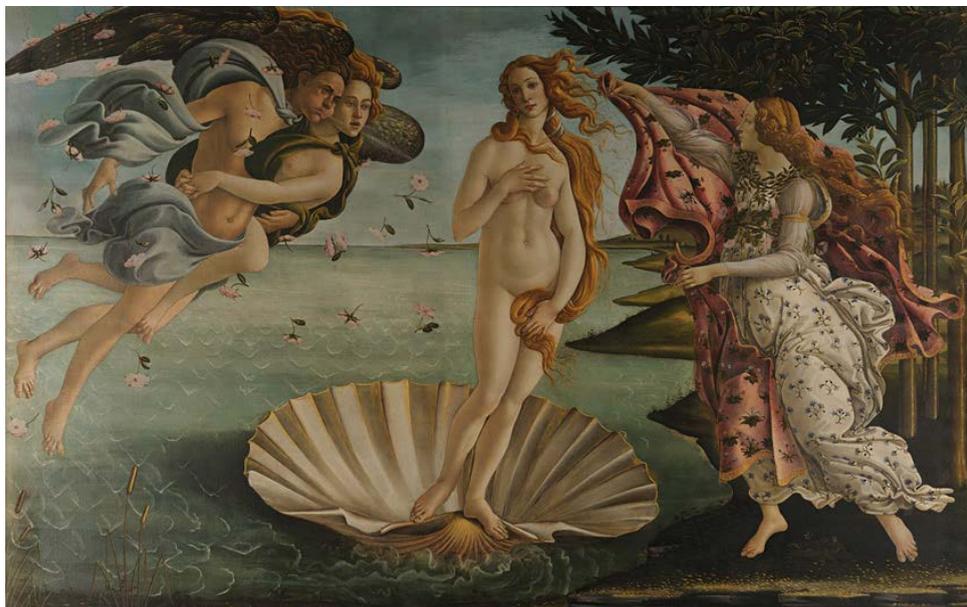
Fonte: Disponível em;
<https://artsandculture.google.com/asset/capitoline-venus-unknown/AwGZJeBSRaaAfQ>.
Extraído em 12 jan. 2023.

A Vênus Capitolina é uma estátua de mármore com 1,93m, encontrada no Monte Viminal, em Roma, é uma cópia da escultura grega de Praxiteles, uma variação da Vênus Pudica, a qual caracteriza-se pela posição dos braços da estátua em pé após o banho, cobrindo os seios com a mão direita e a região genital com a mão esquerda.

A construção de como o corpo feminino é elaborado, possui uma diferença em relação ao período pré-histórico, tanto na representação de um corpo feminino com uma cintura mais fina, com o rosto aparente de forma realista de acordo com o cânone clássico, porém há a permanência das questões religiosas relacionadas ao pudor.

Vênus Renascimento

Figura 3: Nascimento de Vênus, Sandro Botticelli, Galleria delgi Uffizi, Florença, Itália



Fonte:

Disponível em:

<https://artsandculture.google.com/asset/the-birth-of-venus-sandro-botticelli/MQEeq50LABEBVg>

Extraído em: 9 fev. 2023.

O “Nascimento de Vênus” é uma pintura do italiano Sandro Botticelli (ano de nascimento e morte), criada entre 1482 e 1485, em Florença, na Itália. A obra foi produzida com a técnica de têmpera sobre tela, e está atualmente na Galleria Delgi Uffizi. Foi uma encomenda da família Médici e é um dos primeiros nus femininos em tamanho monumental produzida no período em que domina a arte da pós-antiguidade segundo Fleck. Botticelli participou dos círculos dos intelectuais e artistas da corte de Lourenço de Médici, recebendo influência do neoplatonismo cristão o qual concilia com ideais clássicos. A pintura descreve o mito grego do nascimento da deusa, na qual Cronos² corta as genitais de Urano³ e o lança no mar. Afrodite surge totalmente formada a

² Cronos: *Krónos*, na mitologia grega, deus do tempo e rei dos titãs. É o mais jovem dos titãs, filho de Urano, o céu estrelado, e Gaia, a terra. Alternativamente, para Platão, os deuses Fórcis, Cronos e Reia eram os filhos mais velhos de Oceano e Tétis.

³ Urano: *Ouranós*, na mitologia grega, era a divindade que personificava o céu. A etimologia possivelmente tem origem no vocábulo sânscrito que origina o nome de Varuna, deus védico do Céu e da Noite. Sua forma latinizada é *Uranus*.

partir da espuma de uma onda carregada por uma concha, a deusa chega à costa na cidade de Chipre.

A pintura é composta por quatro planos, sendo o primeiro a figura feminina no centro a Vênus nua com um gesto pudico, com a mão direita tentando esconder os seios e a mão esquerda tapando as partes íntimas e com longos cabelos. A esquerda da tela segundo plano estão duas figuras entrelaçadas: o deus do vento, Zephyrus, e a deusa Clóris⁴. Ao lado direito da pintura está uma figura que representa a deusa “Hora da primavera”⁵, que está à espera de Vênus que a oferece um manto salpicado com flores, ela representa a renovação de tudo o que floresce na primavera. A concha na parte inferior da pintura os pés da deusa tem como significado a fertilidade e o prazer, o formato da concha remete ao sexo feminino. No poema do século XV de Agnolo Poliziano que influenciou a obra de Botticelli, descreve Vênus que é impelida pela suave brisa de Zéfiro, o vento oeste, e se equilibra em uma concha de vieira gigante. Uma jovem mulher, talvez Hora da Primavera ou uma das Três Graças, corre para encontrá-la, oferecendo um manto salpicado de flores.

Essa obra é uma referência da cultura visual sobre um mito da antiguidade clássica partida do quattroceto do Renascimento, que privilegia o caráter humanista do mundo em detrimento do teocentrismo e pela relação com o cânone clássico. No período renascentista, a base da arte já não abordava apenas o contexto religioso, apesar de essa temática ainda ser predominante por muito tempo. Para os artistas, o mundo dos deuses, das ninfas era também um sinônimo de libertação das ideias do medieval. Dessa forma também a concepção do renascentista da beleza, segundo Lichtenstein

Conforme à herança do Renascimento, a *'bellezza'* é uma imagem interior, do artista, que imita as coisas 'não como elas são, mas como deveriam ser'. Ou seja, o ser ao qual deveria se submeter, ao menos teoricamente, a mimese, transforma-se agora em um belo concebido como pura idealidade, enquanto a ideia se torna imperceptivelmente

⁴ Clóris: na mitologia grega, era a deusa da primavera, que presidia à formação dos brotos e das flores.

⁵ As Horas (do grego antigo Ὥραι, transl. *Hôrai*, 'estações'; em latim: *Horae*) constituíam, na mitologia grega, um grupo de deusas que presidiam sobre as estações do ano.

um ideal, como apontou Panofsky. (2004, p 15.)

Apesar de na época de Botticelli as narrativas mitológicas não terem mais o significado teológico e ideológico da Antiguidade clássica, na linguagem poética repleta de imagens alegóricas do corpo feminino, elas expressam relações culturais e sociais. Dessa forma, nesse período histórico, a beleza feminina era idealizada com superioridade diante a masculina. Os atributos femininos eram glorificados e ressignificados, do que era concebido no medievo, em que a beleza era interpretada como uma ameaça e era portadora do mal oculto.

Didi-Huberman (2005) destaca a tese de Aby Warburg, fundador da iconologia, de que as obras renascentistas são datadas de contradições, de tensões, de impurezas, de atmosferas psíquicas, de subjetividade, de elementos dialéticos como a beleza e a violência, o distanciamento e o contato físico. Existe, na visão do autor, uma impureza presente e associada ao nu renascentista de Botticelli, representada por uma impassividade, tensão, conflitos e inquietudes de suas belas figuras.

Vênus Contemporânea: O Nascimento de Oxum

Figura 4: Nascimento de Oxum, 2017, Harmonia Rosales



Fonte:

<https://www.harmoniarosales.art/collections>. Extraído em: 9 fev. 2023.

Disponível em:

A pintura Nascimento de Oxum (2017) faz parte da série B.I.T.C.H de 2017 (Black Imaginary to Counter Hegemony)⁶ da artista, autodeclarada como afro-cubana americana, Harmonia Rosales. A artista nasceu em 6 de fevereiro de 1984, em Chicago, Illinois, filha do cubano Giraldo Rosales e da ilustradora judaico-jamaicana Melodye Benson Rosales. A artista faz releituras de pinturas clássicas europeias, representando as figuras centrais com mulheres e homens negros em papéis de poder e beleza, questionando a narrativa colonizadora eurocentrada. Segundo Rosales, ela retrata em suas pinturas, a energia de viver a vida como uma mulher de cor e na objetificação da sociedade dessa identidade. Entretanto, suas figuras incorporam algo dentro de todos nós, pois servem como canais para uma luta interna na sociedade, que ela retrata através de coroas e divindades metafóricas.

Na obra Nascimento de Oxum (figura 4), o elemento central Oxum é uma orixá, a rainha das águas doces, dona dos rios e cachoeiras, cultuada no Candomblé e também na Umbanda, ambas religiões de matriz africana, em cima de uma concha. Ao lado esquerdo da pintura, é retratado um homem negro que é a representação de Obatalá⁷ ou, o Rei do Pano Branco, considerado o criador do mundo nas lendas Yorubá. Ao seu lado está a deusa dos ventos e do fogo, Oyá⁸, ambos cobertos por um tecido branco com penas de pavão. À direita da pintura, uma mulher negra que representa Yemaya ou Iemanjá, símbolo da maternidade, a mãe rainha dos mares, segurando um manto laranja em movimento. Conforme Rosales

Tradicionalmente vemos Vênus como essa linda mulher de cabelos esvoaçantes. Meu cabelo nunca esvoaçou, então eu me pergunto por que essa deveria ser uma pintura da mulher mais bonita do mundo? Então eu a mudei e a fiz ter vitiligo porque as imperfeições são lindas. (ROSALES apud RONCOLATO, 2018, s/p).

O dourado representado na pele de Oxum simboliza as marcas deixadas pelo padrão de poder colonial, como por exemplo, na escravização dos povos

⁶ Traduzido como “Imaginário Negro para Combater a Hegemonia”.

⁷ Obatalá é o primeiro orixá criado por Olodumare, o maior e mais poderoso de todos os orixás, comparado a Deus.

⁸ Oyá também chamado Iansã, provém do nome do rio na Nigéria, onde seu culto é realizado, atualmente chamado de rio Níger. É uma divindade do fogo, como Xangô, mas também é relacionada ao elemento ar, regendo os raios. É uma das divindades que, ao lado de Airá e Afefê Icu, (o vento da morte), domina os ventos.

colonizados, originalmente indígenas e negros e nas minerações. Também faz uma crítica à história e a cultura que foi apagada e, agora, se mostra na pele negra, uma das características estabelecidas pelos colonizadores para a classificação racial que codifica a cor como os traços fenotípicos dos colonizadores e como critério de classificação social (QUIJANO, 2005).

A artista também relaciona o dourado na pele da mulher negra como uma oferenda para a Santeria⁹, o dourado faz a alusão às oferendas que são entregues quando se reza para um Orixá, sendo o ouro ofertado. Segundo Rosales, “Na Santería, quando você ora a um orixá, você lhes dá uma oferenda. E a oferenda dela é ouro, por isso fiz o vitiligo dela de ouro.”(apud RONCOLATO, 2018, s/p). A artista traz em sua obra aspectos religiosos da cultura negra, na qual busca resgatar e valorizar sua cor da pele numa proposta de interculturalidade.

Figura 5: Montagem de imagens das Vênus



Fonte: Autora a partir das imagens acima.

Desde o período pré-histórico, a idealização do corpo feminino tem relação com questões culturais, nas quais os padrões de beleza do pensamento clássico presente na arte, sucedidos ao longo da história da arte, foram questionados e se modificando. Quando nos referimos sobre a origem de um modelo de referencial do corpo feminino nos remetemos ao período da Grécia e da construção do corpo a partir do cânone e da concepção da beleza harmônica entre a alma e o corpo. Segundo Eco (2004), a escultura grega não

⁹ Santería: termo espanhol que se refere de modo pejorativo a uma religião advinda da África, tendo negros/afrodescendentes como praticantes. A Santería tem as suas raízes na religião iorubá, o cristianismo e as religiões dos povos indígenas das Américas.

idealiza um corpo abstrato, mas busca uma Beleza ideal operando uma síntese de corpos vivos, na qual se exprime a Beleza psicofísica que harmoniza a alma e o corpo, ou seja, a Beleza das formas e a bondade da alma: é o ideal da *Kalokagathia*, cuja expressão mais alta são os versos de Safo e as esculturas de Praxiteles.

Ao analisarmos essas quatro obras, é possível notar como a representação do corpo feminino foi se modificando tanto na construção estrutural, como também na formação de um ideal de beleza estereotipada. Na primeira Vênus, da esquerda para a direita (figura 5), a estrutura do corpo da Vênus é volumoso com seios e quadril mais largo, dando maior relevância às curvas e aos volumes, seu rosto não é definido e possui tranças ao redor da cabeça. Já na segunda, se comparada com a primeira, nota-se uma mudança significativa em relação a estrutura do corpo, que apesar de se tratar de uma cópia romana, segue a estruturas corporais do cânone grego, com um corpo feminino magro mais alongado e musculoso, com menos volumes, seios bem definidos, a posição das mãos nas partes íntimas remetendo uma postura de pudor, rosto bem definido com uma expressão ausente, retratada com os olhos e boca pequena com um queixo arredondado, cabelos presos e ondulados. Dessa forma, é possível notar como a construção na arte dos padrões corporais femininos se constitui, a partir da representação do cânones clássicos e do olhar do artista, segundo o autor Henri-Pierre Jeudy em sua obra *“O corpo como objeto de Arte”*, aborda a representação do modelo como corpo objeto e sua relação com a beleza.

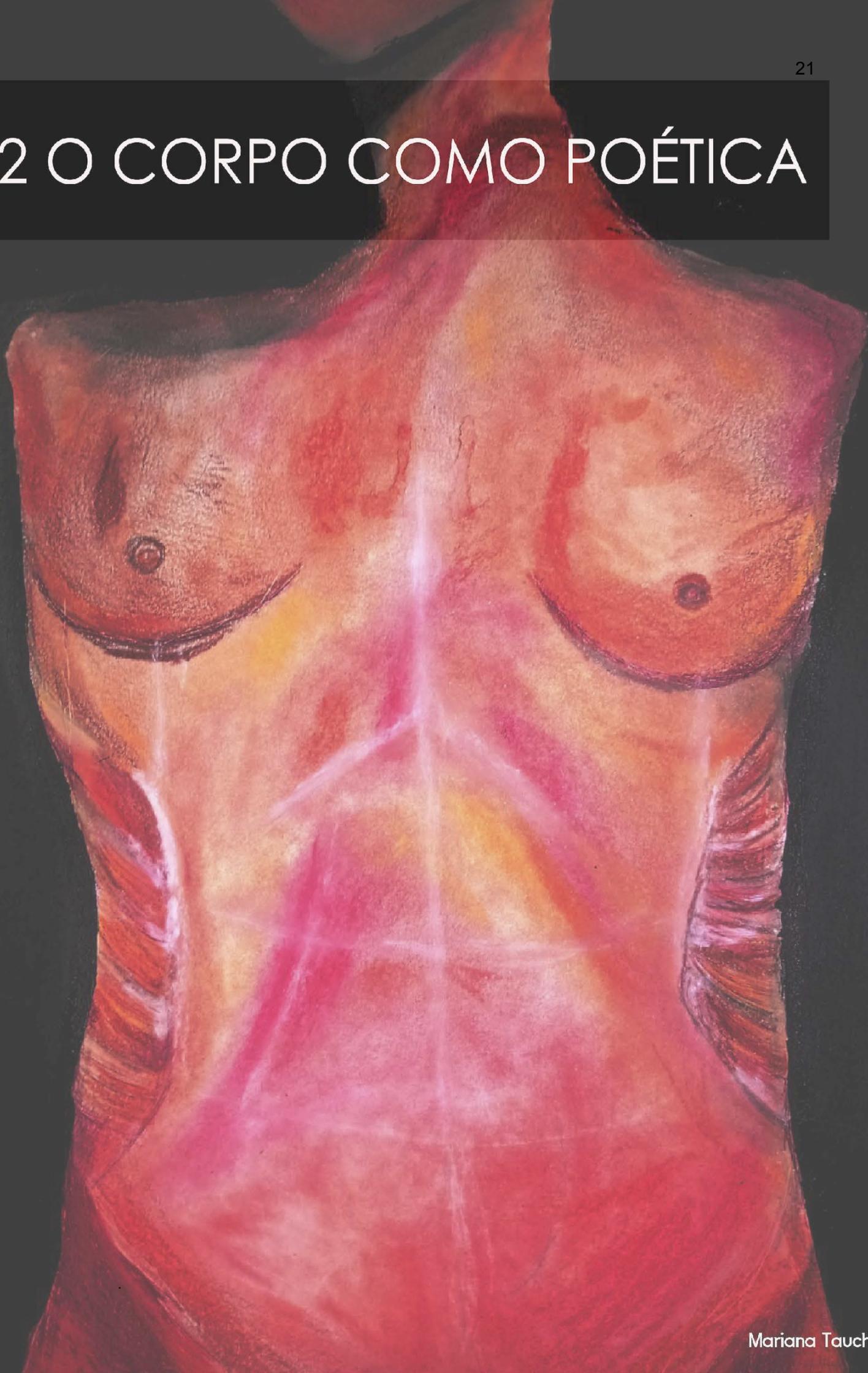
O corpo-objeto de arte seria o nível superior da representação do corpo como objeto, tal a realização do ideal de Beleza. Uma hierarquia dos graus de estetização do corpo corresponde apenas ao sistema de convenções culturais. A referência ao objeto de arte é um estereótipo, mostra-se convencionalmente como um sinal tangível de uma beleza ‘superior’, e esse tipo de reconhecimento parece sempre legitimado por regras de discriminação que se baseiam na distinção primária entre o belo e o feio. (JEUDY, 2002 p.21)

Essa abordagem de que o corpo objeto precisa ser reconhecido e legitimado como belo pelos sistemas de convenções culturais de cada período da história da arte, é uma construção a partir dessa concepção do que é belo e o feio, de como essas sociedades definiram esse pensamento estético, como por exemplo, a diferença entre a segunda e a terceira Vênus, da esquerda para

a direita, na qual a segunda tem uma construção da figura a partir do cânone clássico grego e a terceira uma estética de pintura do período renascentista, em que apresenta a Vênus de Botticelli na mesma posição que a escultura da Vênus Capitolina com uma estrutura do corpo mais alongado, em que os músculos deram lugar as ancas, os seios diminuíram de volume, cabelos longos, a pintura no aspecto de construção da figura tem movimento e muito bem delineada com linhas, com um contraste bem definido de claros e escuros bem precisos comparado as figuras anteriores. Essa figura, também, no aspecto cultural e social, retrata um sincretismo entre a religião cristã e a cultura pagã, pois se trata da deusa da beleza da cultura greco romana, com características estilizadas das representações do período renascentista.

Em contrapartida quarta Vênus, à direita, apresenta uma figura mais contemporânea em relação às anteriores ela retrata questões importantes como o aspecto social étnico, religioso e também essa obra foi feita a partir da perspectiva de um olhar feminino da artista. A Vênus/Oxum exprime em sua construção da figura, um corpo mais estruturado realista ombros largos, com seios volumosos, quadris largos e definidos, cabelos curtos e a pele negra com vitiligo. Seu rosto apresenta olhos grandes, lábios carnudos, e um rosto mais expressivo que as figuras anteriores. A quarta Vênus em seu aspecto social étnico aborda uma crítica a construção da história da arte eurocêntrica e patriarcal e questiona o que é um padrão de beleza, por representar uma mulher negra como protagonista da obra, em uma relação de poder por ser a deusa Oxum como a rainha dos mares e da fertilidade. No aspecto religioso aborda o conto a partir das religiões de matriz africana o nascimento de Oxum, representando uma cultura que foi por muito tempo negada pela cultura colonial dominante.

2 O CORPO COMO POÉTICA



O corpo objeto de arte seria o nível superior da representação do corpo como objeto, tal a realização ideal da Beleza. Uma hierarquia dos graus de estetização do corpo corresponde apenas aos sistemas de convenções culturais. (JEUDY, p21, 2002)

Neste capítulo serão apresentados artistas contemporâneos que trabalham em suas poéticas com a temática do corpo feminino, com diferentes linguagens e materiais. Estes artistas apresentam um olhar sobre o corpo feminino a partir da perspectiva do feminismo, padrões estéticos e beleza, são eles: Maria Lúcia Magliani, Orlan e Pri Barbosa.

Maria Lúcia Magliani

Figura 6. Maria Lúcia Magliani



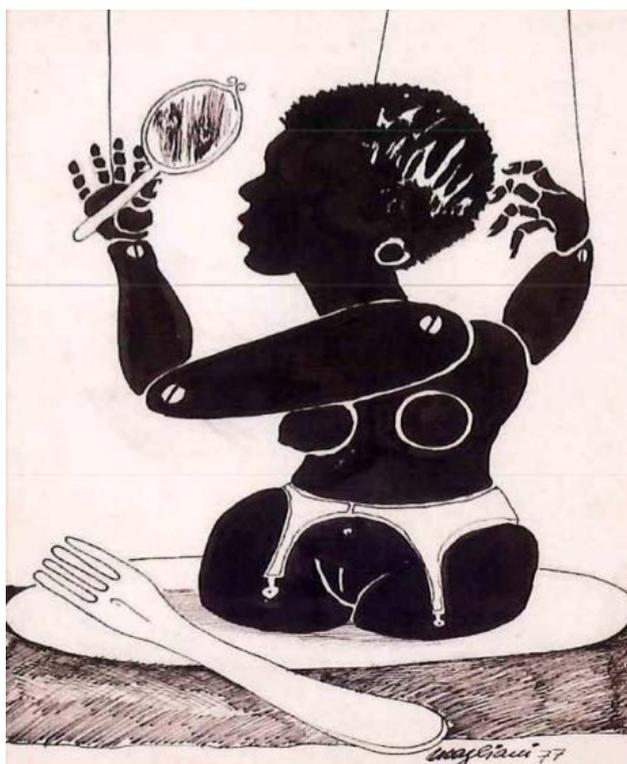
Fonte: Disponível em :

https://www.google.com/search?q=magliani&rlz=1C1GCEA_enBR1058BR1058&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=2ahUKEwjQgrinw4L_AhUCFLkGHVM7BsYQ_AUoAXoECAEQAw&biw=1920&bih=912. Extraído em 23 mai. 2023.

Maria Lúcia Magliani (Pelotas, 1946 - Rio de Janeiro, 2012), foi pintora, desenhista, gravadora, ilustradora e cenógrafa. Nasceu na cidade de Pelotas, filha de um servidor público e de uma empregada doméstica. Seu avô paterno, de origem italiana, foi um pintor que executava frisos decorativos nas paredes das residências da alta burguesia de Pelotas, foi por influência de seu avô que a artista começou a se interessar pelo desenho e pela pintura. A família mudou-se de Pelotas para a região metropolitana de Porto Alegre no início da década de 1950. Magliani cursou a Escola de Artes da UFRGS em 1966, foi a primeira mulher negra formada pela instituição.

O trabalho da artista se caracteriza por temas influenciados pelo movimento feminista, por uma estética neoexpressionista e também faz uma crítica a situação política do Brasil no período da Ditadura Militar e, ainda, a condição da mulher e do corpo feminino na sociedade. A partir da década de 60 para 70 seu trabalho passa por modificações, a artista começa a experimentar novas linguagens como o neo expressionismo, fazendo o uso de metáforas sobre a situação política do país no período de regime de exceção, com a liberdade cada vez mais restrita. No mesmo momento em que seu trabalho defendia a liberdade, começava a refletir sobre a mulher em uma sociedade machista e também as questões sobre a mulher negra.

Figura 7. Magliani. Sem título, 1977. Desenho a nanquim sobre papel



Fonte:

<http://www.cbha.art.br/coloquios/2019/anais/pdfs/Neiva%20Maria%20Fonseca%20Bohns.pdf>.

Extraído em: 23 mai. 2023.

Disponível em:

Em 1970 Magliani abordou em seu trabalho a representação do corpo feminino criticando os padrões moldados para atender os desejos masculinos. A Figura 7 é um desenho feito de nanquim, datado de 1977, e representa a figura de uma mulher de cabelos curtos, sem pernas e suspensa por fios. A

mulher usa brincos e cinta liga, segurando em uma mão um espelho e olhando seu reflexo, se preparando para ser servida como iguaria. O garfo do lado esquerdo da obra está para ser usado, e o corpo negro é a refeição posta na mesa. A obra apresenta uma forte crítica ao racismo no Brasil e a objetificação do corpo da mulher negra. Nessa obra o corpo representa um estereótipo da mulher negra brasileira na qual a mulher é colocada como uma marionete, que tem cordas suspensas e que está sendo servida como uma iguaria. Pode-se notar que essa marionete está sendo controlada por alguém pela sugestão na imagem das cordas suspensas, creio que quem controla suas cordas seria aparelhos de poder racista e misógino. Ainda, a obra remete ao período de repressão no Brasil pela Ditadura Militar, nos anos 1970, marcado pela forte repressão e tomada de direitos. Outra questão, ao observar a figura 7, é o fato de não possuir rosto, ou seja, é possível notar um sutil apagamento do rosto, das suas características, deixando mais evidente a construção da silhueta do corpo sensual, como seios contornados e a virilha aparente. Cabe ressaltar que na obra de Magliani não trata apenas sobre a pele, mas sobre a carne, a condição humana e a solidão.

Segundo Bohns (2019), em 1985, Magliani participou da 18ª Bienal de São Paulo, com a curadoria de Sheila Leirner, no núcleo “Expressionismo no Brasil: Heranças e Afinidades”, assim como de diversas edições do *Panorama da Arte Brasileira*, no Museu de Arte Moderna de São Paulo. Apesar do sucesso profissional, nem sempre se sentia respeitada no meio artístico. Costumava irritar-se quando seus interlocutores manifestavam curiosidade em relação ao fato de ser mulher, negra e de origem humilde. Com justa indignação, perguntava

Por que parece tão excepcional que um negro pinte? Por que a condição social de artistas de cor branca nunca é mencionada? Por que sempre me perguntam como é ser negro e ser artista? Ora, é igual o ser de qualquer outra cor. As tintas custam o mesmo preço, os moldureiros fazem os mesmos descontos e os pincéis acabam rápido do mesmo jeito para todo o mundo. A diferença quem faz é a mídia. É ‘normal’ ser branco e, portanto, é natural que o branco faça tudo, mas quando se trata de um negro, agem como se fosse algo fantástico, um fenômeno – o macaco que pinta! Não gosto disto¹⁰.

¹⁰ Magliani em entrevista a João Carlos Tiburski publicada no Boletim Informativo do MARGS, nº 32. Disponível em <https://acervo.margs.rs.gov.br/periodicos/boletim-informativo-no-32/>. Acesso em: 20 mar 2023.

Na figura 7, a obra “Ela” de 1977, é uma desenho feito com lápis de cera e lápis de cor sobre papel, representa um corpo feminino nu amarrado em uma corda, este trabalho ganhou o primeiro lugar do “Prêmio Aquisição do 1º Salão de desenho do Rio Grande do Sul”.

Figura 8. Magliani. Ela, 1977. Lápis de cera e lápis de cor sobre papel. altura: 49.70 cm. Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul - MARGS.



Fonte: Disponível em:

<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/189906/001089461.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

Extraído em: 23 mai. 2023.

Figura 9. Magliani. Janelas, 1999 Acrílica sobre tela



Fonte: Disponível em

<http://www.cbha.art.br/coloquios/2019/anais/pdfs/Neiva%20Maria%20Fonseca%20Bohns.pdf>

Extraído em: 23 mai. 2023.

Pri Barbosa

Figura 10. Pri Barbosa



Fonte: Disponível em:

https://www.google.com/search?q=pri+barbosa&rlz=1C1GCEA_enBR1058BR1058&source=Inms&tbm=isch&sa=X&ved=2ahUKEwjlwofznYL_AhX2rpUCHV5DCsEQ_AUoAXoECAEQAw&biw=1920&bih=969&dpr=1#imgrc=m6CLfzwojyCi1M. Extraído em 23 mai. 2023.

Pri Barbosa é uma artista visual, ilustradora e muralista brasileira de São Paulo. É graduada em Artes Visuais pelo Instituto Belas Artes, em São Paulo, e possui extensões em Masculinidades Contemporâneas, Feminismo Pós-colonial na América Latina e O Estado e o Corpo, todos pela PUC/SP. Seu trabalho é focado na temática que investiga a iconografia da mulher revolucionária contemporânea com foco na América Latina, e propõe percepções críticas sobre padrões estéticos e contemporâneos vigentes, numa estratégia de enfrentamento e questionamento das relações de poder.

Em seu trabalho, a artista realiza retratos de mulheres com corpos diversos e os mescla com elementos vinculados ao trabalho doméstico e símbolos de insubordinação. Nos murais “Levante-se” e “Granada” a artista cobre o rosto, em especial a boca, das mulheres representadas na obra com panos. Priscila constrói cenas que têm o intuito de provocar o espectador através da oposição, a artista cria imagens que à primeira vista sugerem a docilidade prevista para o gênero feminino, presente nos tons rosados, característica de sua produção, porém revelam atitudes de insurgência e rebeldia. Aqui, busca-se ressaltar três trabalhos: Latinas Fervilhando, Levante-se e Granada.

Figura 11. "Levante-se", 2023, Colors Festival Paris, França



Fonte: Disponível em: <https://priscilabarbosa.com/murais/levante-se/> Extraído em 10 jun. 2023.

O trabalho "Levante-se" foi realizado no Colors Festival Paris, em Paris - França e constitui um mural, produzido em espaço fechado, com dimensões 2,5 X 11 metros. Neste mural vemos três figuras femininas, pintadas com tonalidades de fundo rosadas e avermelhadas, que compõem uma cena na qual uma mulher está segurando uma criança, outra que sugere estar auxiliando uma terceira mulher que está deitada ao solo. A pintura aborda uma temática feminista e a relação de sororidade. A palavra sororidade em latim *soror*, que significa irmã, carrega a ideia de irmandade feminina. Na pintura podemos perceber essa relação de sororidade das duas mulheres na cena em que uma ajuda a outra a levantar do solo. Outra característica da cena é que estas mulheres estão com o rosto coberto por um capuz, o que pode levar a pensar nas manifestações feminista na América Latina ou na luta das mulheres pelo direito ao aborto legal, que possui como elemento uma bandana de cor verde que cobre o rosto ou o pescoço. Ainda, nesse mural vale destacar o modo de pintura com pincel, que traz a estética do muralismo latinoamericano. E, neste contexto, a artista ressalta que:

Na Europa não é muito comum essa técnica de mural com pincel, que lá é chamada de brush. O ateliê é o mundo, são as ruas. A mesma técnica que o público vê apenas na galeria, ele vê a rua. Eu fui a única artista pintando com essa técnica, uma mulher latino-americana que fala sobre política na arte urbana e usa uma técnica muito presente na América Latina, no muralismo mexicano.¹¹

¹¹ Entrevista Pri Barbosa concedida ao jornal Metrópole em 9 de fevereiro de 2023. Disponível em:

Sobre representar corpos femininos diversos, a artista faz uma crítica aos padrões corporais na sociedade. Assim, ela coloca em destaque esses corpos de pessoas gordas, que são vistas pela sociedade como algo feio. Segundo Eco (2007), enquanto para todos os sinônimos de belo seria possível conceber uma relação apreciação desinteressada, quase todos os sinônimos de feio implicam sempre uma reação de nojo, se não de violenta repulsa, horror ou susto.

Com sua obra, a artista busca dar uma outra representação do corpo feminino, sem levar em conta padrões estabelecidos, como algo bonito e gerando representatividade. Em uma entrevista, Priscila conta como o público reage às suas obras: “As mulheres me dizem que, nas minhas pinturas, sentem que existe um olhar poético para o corpo delas”. Ainda, fala que “o corpo que geralmente é visto como algo digno de nojo por algumas pessoas, o que é um absurdo. Então, quando essas mulheres percebem que podem ser vistas de uma maneira bonita, essa é a melhor parte do meu trabalho”¹².

Figura 12. “Latinas Fervilhando”, 2023, Projeto Pixoasso, França, Paris



Fonte: Disponível em: <https://priscilabarbosa.com/murais/latinas-fervilhando/> / Extraído em 10 jun.2023.

<https://www.metropoles.com/sao-paulo/mural-de-artista-paulistana-esta-em-festival-de-arte-urbana-em-paris>. Acesso em: 10/06/2023

¹² Fonte: Disponível em :

<https://abeso.org.br/pri-barbosa-a-arte-de-pintar-a-diversidade-de-formas/>. Acesso em: 19/05/2023

O mural “Latinas Fervilhando”, realizado na França, Projeto Pixoasso, retrata uma mulher de costas com uma mão levantada segurando uma garrafa em chamas, em sinal de revolta. Abaixo, na lateral dos braços, tem uma folhagem que se assemelham a asas. Nessa pintura podemos perceber a figura de um corpo diverso, fora dos padrões, em uma posição de revolta, algo que a artista traz em seu trabalho. A questão da insubordinação feminina, no qual a figura está retratando um ato de revolta de uma mulher, lutando por seus direitos e contra a subordinação e estereótipos femininos, é uma ação recorrente nas produções de Pri Barbosa. Outro detalhe deste mural são as linhas brancas na volta da figura, que traz uma tridimensionalidade na pintura ao ser olhada de longe. Ainda, vemos também, as tonalidades dos vermelhos e amarelos presentes na construção da camada da pele e do fundo em tom pastel ocasionando um contraste entre a figura e o contorno do branco.

Figura 13. “Granada”, 2020. NaLata Festival São Paulo.



Fonte: Disponível em:

<https://priscilabarbosa.com/murais/nalata-festival-internacional-de-arte-urbana/>. Extraído em: 10 jun. 2023.

Na obra “Granada”, realizada no Festival Na Lata, na zona oeste de São Paulo, em Pinheiros. O mural retrata uma mulher que está com o rosto coberto por uma bandana, com o seu braço estendido para cima e o outro está cobrindo a região dos seios e segurando uma romã. A mulher retratada possui corpo volumoso, usa roupa íntima na parte inferior e está cobrindo o canto do seio com o braço. Ao seu redor na parte inferior há plantas.

Essa obra aborda uma temática feminista na qual representa uma mulher com uma romã, que em espanhol é chamada de granada. Desta forma, a artista faz uma relação com a granada usada como munição. Outro aspecto que pode-se pensar é a posição do braço e o movimento do corpo, que podem lembrar um pouco a figura da Vênus já citada anteriormente. Outra questão importante a abordar é o modo como a artista constrói esses corpos femininos com uma delicadeza e mesmo que tenha algumas partes do corpo a mostra não são hipersexualizadas, ela constrói esses corpos com formas e cores diversas.

ORLAN

Figura 14. ORLAN



Fonte Disponível em :

https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/5/59/ORLAN_par_Claude_Truong-Ngoc_2013.jpg/800px-ORLAN_par_Claude_Truong-Ngoc_2013.jpg, Extraído em:14 jun.2023.

Mireille Suzanne Francette Porte, conhecida como ORLAN, nasceu em Saint-Étienne, na França, em 30 de maio de 1947. Ela usa o corpo como suporte para suas artes, fazendo uma relação com o feminismo e a crítica aos padrões corporais impostos pela sociedade. Desenvolveu uma nova forma de pensar a arte, conhecida como Carnal Art (Arte Carnal). A artista buscou influências em artistas como: Marcel Duchamp, Andy Warhol e Joseph Beuy. Em 1990 ganhou notoriedade no circuito da performance pelo seu trabalho “A Reencarnação da Santa ORLAN”. Esta foi antecedida pela escrita do seu manifesto, “O Manifesto da Arte Carnal”, que tinha como base a Arte Conceitual dos anos 60. Em seu manifesto tinha como ideal artístico o autorretrato, em seu sentido clássico, entretanto, faz uso de todas as possibilidades tecnológicas de seu tempo.

Desde os anos de 1964, ORLAN se interessa por problematizar o status do corpo, sobretudo o corpo da mulher e as questões relacionadas aos padrões corporais femininos. Segundo Rocha e Silva (2017, p. 220)

O corpo, que passa a ser definido como ready-made modificado ou lugar de debate público, é o suporte de uma estética da reinvenção de si, que interroga, liminarmente, todas as formas de atribuição de sentido ao sentimento ou declinação da identidade. Interrogando também, numa curiosa aliança entre o estético e o político, as formas de dominação ocidentais por excelência: a religião, a supremacia masculina, a segregação cultural, o racismo. E também a própria noção de corpo e de feminilidade.

Orlan aborda seu trabalho como Arte Carnal e destaca que:

A Arte Carnal é um trabalho de autorretrato no sentido clássico, mas com meios tecnológicos que são aqueles de seu tempo. Ela [a arte carnal] oscila entre desfiguração e refiguração. Ela [a arte carnal] se inscreve na carne porque nossa época começa a dar a possibilidade. O corpo se torna um “ready-made modificado” porque ele não é mais esse ready-made ideal que é só assinar. A Arte Carnal não se interessa ao resultado plástico final, mas à *operação-cirúrgica-performance* e ao corpo modificado, tornado lugar de debate público.¹³

¹³ ORLAN, 1990

Figura 15. Second mouth, 7th Surgery-Performance Titled Omnipresence, 21 November 1993, New York, Cibachrome in Diasec mount, 65 x 43



Fonte: Disponível em: <http://www.orlan.eu/works/photo-2/>, Extraído em : 14 jun. 2023

Entre 1990 e 1993 a artista realizou a performance “*A Reencarnação da Santa ORLAN*” que foi um projeto realizado em 3 anos, na qual a artista passa por uma série de nove cirurgias. Essas obras ficaram conhecidas como “operações cirúrgicasperformances”, e foram transmitidas pela televisão e internet para diversas partes do mundo. Nessas performances ela recebia apenas anestesia no local, e enquanto o médico realizava o procedimento cirúrgico ela dirigia a performance recitando textos psicanalíticos, literários ou filosóficos, relacionados com a temática da sua performance. Para o procedimento ORLAN criava cenários e figurinos específicos. Nestas performances a artista modificou, entre várias partes do corpo, o queixo como a imagem da pintura da *Vênus de Sandro Botticelli* e o nariz como a pintura da *Psyché de Gerard*, dessa forma questionando o olhar masculino sobre o corpo feminino.



Figura 16, Fonte: Disponível em <https://artrianon.com/2018/02/13/obra-de-arte-da-semana-as-cirurgias-plasticas-performances-de-orlan/>, Extraído: 14 jun. 2023

As performances, além de gravadas e transmitidas, eram registradas com desenhos feitos com sangue e objetos como uma espécie de relicário com partes do corpo que foram retiradas das cirurgias. Dessa forma a artista intenciona questionar a relação da cultura ao corpo como algo entre o santificado e o profano. Seu trabalho aborda uma crítica feminista que leva a pensar até que ponto um artista modifica seu próprio corpo como objeto de arte.

Figura 17 Handling the white and black crosses during the operation, 4th surgical-performance operation called "successful operation", with the dress Paco Rabanne. 8 December 1991, Paris,



Fonte: Disponível em: <http://www.orlan.eu/works/photo-2/>. Extraído em: 14 jun. 2023

3 O CORPO NA CONTEMPORANEIDADE



Entre a criança que se foi e o adulto que ainda não chegou, o espelho do adolescente é frequentemente vazio. (CALLIGARIS, 2000, p 25)

Neste capítulo, O Corpo na Contemporaneidade, será discutida a relação do corpo feminino na adolescência, sua relação com as mídias e a intervenções. O período da adolescência, é um momento de mudança significativa do corpo humano, se caracteriza por várias transformações corporais, as quais demarcam o início da adolescência, no caso das meninas, a primeira menstruação, o crescimento dos seios e mudanças hormonais.

No período da adolescência, ao observar o desenvolvimento corporal feminino, é possível constatar que além da dificuldade de fixar uma imagem de si, mesmo que temporária, as adolescentes em nossa sociedade contemporânea, têm que lidar com novos desafios referentes aos padrões de beleza produzidos e impostos pelos meios de comunicação e pela sociedade. Como por exemplo, nas redes sociais em que aparecem corpos femininos como os das blogueiras ou de artistas famosas, corpos muito magros, com nádegas grandes e seios bem definidos, harmonização facial e lábios carnudos. Além dessas imagens, utilizam-se dos filtros nas redes sociais que alteram seus rostos e sua aparência nas imagens fotográficas ou vídeos.

Santos e Zanotti (2013) retratam a idealização da adolescência e as modificações corporais:

Nesse sentido, a idealização da adolescência é constituída não só pelos adultos e crianças, mas também pelo próprio adolescente. E se no momento da puberdade, ele se angustia diante das transformações corporais, das exigências e padrões culturais, ele também se refugia e tenta se sustentar como sujeito de desejo na idealização do próprio corpo. Trata-se, por fim, de um corpo temido, mas ao mesmo tempo, desejado. (p. 817)

Esse corpo desejado e o padrão corporal de beleza reflete muito em como essas jovens acabam sendo induzidas a dietas e gerando distúrbios alimentares como também a se submeter a processos estéticos em uma idade muito precoce. O Brasil é líder no ranking de cirurgias plásticas em jovens. De acordo com dados da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica (SBCP) de 2019, dos quase 1,5 milhão de procedimentos estéticos feitos em 2016, 97 mil (6,6%) foram realizados em pessoas com até 18 anos de idade. Os procedimentos mais procurados são a rinoplastia (correção estética ou

funcional do nariz) e o implante de silicone nos seios.

Atualmente é muito comum ver em redes sociais como Tik Tok ou Instagram meninas muito jovens fazendo vídeos de antes e depois de plásticas e tutoriais do processo pós-cirúrgico. Neles, meninas e jovens mulheres mostram a rotina pré e pós-cirurgia, com direito a *looks* do dia (o avental hospitalar) e foto de comida de hospital, como por exemplo, as gêmeas Maria Nicolly e Maria Emanuely, de 16 anos, youtubers do canal “*eu você e nós*¹⁴”, que possui 5 milhões de inscritos. Em seus vídeos, as meninas relatam e mostram tutoriais da sua primeira cirurgia plástica, uma rinoplastia, com momentos do antes e depois do procedimento. Em um dos vídeos, Nicolly mostra a plástica feita em família, já que mãe e filhas se operaram no mesmo hospital. Em outro deles, que tem o título “nossa primeira cirurgia plástica aos 16 anos”, as duas dançam com roupa hospitalar ao lado do cirurgião. Todos os detalhes foram também compartilhados no canal do YouTube da família.

Segundo Frois, Moreira e Stengel (2011) diante da valorização contemporânea dos corpos-imagem ilusórios e da desestruturação da imagem corporal que o adolescente tinha de si, ele também se torna adepto do culto aos corpos-imagem. É em torno desse ideal corporal que o adolescente vai se estruturando: entre o corpo temido e desconhecido, e o corpo perfeito e idealizado. O conceito de corpo-imagem é possível relacionar com o trabalho de Orlan, que discute desde os anos 90 essa temática sobre os padrões corporais de beleza através da Arte Carnal, como uma crítica a esse conceito de beleza e essa busca ao padrão inalcançável. Na arte carnal, Orlan se “desconfigura e refigura”, como também o corpo do adolescente se transforma pois seu corpo não é mais o mesmo da criança que era antes, e se configura a um corpo que está se modificando para a fase jovem adulta.

Esse culto ao corpo-imagem e a busca por cirurgias plásticas precoces abordadas anteriormente, traz um questionamento de para onde estamos indo com esses procedimentos? Por que essa busca pelo padrão inalcançável se

¹⁴ **Canal Eu, você e Nós.** Disponível em: <https://www.youtube.com/@EuvoceEnos>, Acesso em: 10 jul.2023.

Canal Eu, você e Nós. **Nossa Primeira Cirurgia Plástica!**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-M9Q15NnYgM>. Acesso em: 10 jul. 2023.

perpetua e se enraíza cada vez mais nas mídias? No Mato Grosso do Sul - MS, por exemplo, o governo ofereceu plásticas a crianças e adolescentes como uma alternativa contra o *Bullying* na escola. A iniciativa (2023), segundo o governo do MS, tem como objetivo "diminuir a evasão escolar decorrente dessa situação bullying". Em que medida essa abordagem absurda, reforça o *bullying* sofrido pelas vítimas e a coloca como culpada, como se seu corpo precisasse se "moldar" a esse padrão? A essa proposta do governo de Mato Grosso do Sul pode-se fazer uma relação com o livro "Feios" de Westerfeld (2010) que narra a história da adolescente Tally, a partir da transformação a ser vivenciada por ela ao completar 16 anos. Trata-se de uma travessia da feiura para a perfeição. Os adolescentes vivem em alojamentos da Vila Feia (local onde vivem os feios) e todos ao completarem essa idade têm como presente do governo uma operação plástica. A partir da intervenção, esses sujeitos são transferidos para Nova Perfeição, lugar onde todos são perfeitos.

As mídias e as redes sociais também corroboram para a perpetuação desses padrões corporais na sociedade, através de uso dos filtros para modificação do rosto ou do corpo, como também no campo da arte, o uso da inteligência artificial, que ainda perpetua a mesma estética de padrão corporal, por exemplo, uma matéria do site no Instagram CNN¹⁵: "Seguindo os padrões de beleza de diferentes países, a Inteligência Artificial criou 'o homem mais atraente' de cada região - o Brasil não está na lista". De acordo com a matéria as imagens apresentam homens com mandíbulas marcadas, corpos sempre bem definidos e pelos faciais contornados, além dos cabelos mais compridos e volumosos. O resultado dessas imagens, despertou debates sobre a objetificação e estereótipos da beleza.

¹⁵ Instagram CNN Pop. **Daria match? IA cria homem mais atraente com base no padrão de beleza dos países.** 2023. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CuH6-yhstq/?img_index=1. Acesso em 20 jul. 2023

Figura 18. IA cria homem mais atraente com base no padrão de beleza dos países..2023



Fonte: Disponível em: https://www.instagram.com/p/CuH6-yhstq/?img_index=2. Acesso em: 26 jul.2023.

Belting (2014) retrata a *mass media* e os corpos de beleza sobre-humana, ao dizer que “nos *mass media* contemporâneos os corpos manipulam os seus espectadores: exibem-se corpos de beleza sobre-humana ou corpos que ultrapassam os limites do corpo natural” (p. 118). Assim como Belting relata sobre o mass media, os corpos ultrapassam os limites do corpo natural, e a inteligência artificial é uma forte contribuição para a perpetuação desse padrão de beleza sobre-humano. Dessa forma, as redes sociais contribuem também para disseminação dessa beleza sobre-humana, como por exemplo os filtros disponibilizados por redes sociais como o Instagram, como citado anteriormente. Segundo Ramalho (2023) em “Antropologia da Imagem” Belting aborda o conceito de mass mídia e a influência representada nas imagens da humanidade atualmente, em que estes corpos midiáticos constituem um padrão estético, quase que não humano, na qual esse padrão pertence a um grupo muito seletivo de pessoas e condicionam uma sociedade suscetível quanto a sua identidade. Portanto, podemos estabelecer uma relação entre o conceito de beleza sobre-humana de Belting com a produção de imagem pela inteligência artificial, em que a inteligência artificial e as mídias, dão continuidade à perpetuação desses padrões de beleza.

Esse corpo de beleza sobre-humana pode ser relacionado com as intervenções estéticas, como por exemplo o caso da influencer Jéssica Alves. Personalidade de televisão brasileira-britânica é conhecida por ter sido o “Ken humano” e ter se submetido a dezenas de cirurgias plásticas para alterar sua

aparência. Jéssica passou por várias cirurgias, incluindo uma plástica no nariz que resultou na perda do olfato. Após essa experiência, ela passou por uma intervenção cirúrgica no Brasil para injetar um gel nos braços com o intuito de deixá-los mais musculosos, como resultado, perdeu o uso de ambos os braços por um tempo. Em 2013 foi diagnosticada com disformia corporal, que é uma condição de saúde mental em que uma pessoa passa uma quantidade obsessiva de tempo se preocupando com falhas em sua aparência.

Em 2017 participou do reality show norte-americano *Botched*, na qual cirurgiões plásticos tentaram melhorar cirurgias estéticas mal sucedidas. O médico cirurgião Paul Nassif se recusou a fazer rinoplastia extra em Jéssica Alves, observando que as passagens nasais estavam bloqueadas com cicatrizes, o tecido nasal não havia se recuperado de cirurgias anteriores, o que causou graves riscos de necrose substancial.

Figura 19. Jéssica Alves



Fonte: Disponível em:

<https://www.google.com/search?q=jessica+alves&tbn=isch&source=lnms&sa=X&ved=2ahUKFwizkquC-cWAAxU1NrkGHWGwDxoQ0pQJegQIDxAB&biw=1680&bih=901&dpr=1#imgrc=Hi3nHikU274KmM>,

Acesso em: 5 ago. 2023.

Assim sendo, pode-se concluir que o corpo na contemporaneidade tem sido influenciado pelas mídias, as quais contribuem para a perpetuação da beleza sobre-humana. Através dos filtros, assim como o uso da inteligência artificial, os adolescentes consomem esses conteúdos e por eles são influenciados, como nos casos citados anteriormente. Dessa forma creio que para o adolescente será cada vez mais difícil aceitar seu próprio corpo, em uma sociedade em que as mídias e os filtros dominam, é cada vez mais difícil não usar filtros.

4 PROBLEMATIZANDO A VÊNUS NA ESCOLA

A sala de aula, com todas as suas limitações, continua sendo um ambiente de possibilidades. (HOOKS, 2019, p. 273)

Neste capítulo serão relatadas experiências do estágio de docência realizado em turma do 8º ano do Ensino Fundamental do Colégio de Aplicação/UFRGS. Para este grupo foi elaborado um projeto de ensino cuja temática centrou-se em problematizar os padrões de beleza e a partir do estudo das Vênus. Para sistematizar as ações, aqui, o relato será dividido em momentos, que correspondem a sub tópicos temáticos: Beleza ao redor do mundo, Conhecendo e Produzindo Vênus; que compõem ações desenvolvidas nas aulas. Vale considerar aqui que o projeto desenvolvido para a turma citada esteve em consonância com as propostas que vinham sendo realizadas anteriormente ao estágio. No currículo definido pela instituição para esta faixa etária está o estudo do corpo humano como um dos tópicos. No contexto específico os alunos estavam trabalhando na construção de esculturas de marionetes os quais foram levados em consideração para o início do projeto realizado durante o estágio de docência.

- **Beleza ao redor do mundo**

Durante o período de observação no estágio notei que os estudantes já possuíam um repertório artístico no qual a professora havia trabalhado anteriormente com figura humana, apresentando algumas obras dos cânones clássicos. Assim, iniciei minha prática questionando “o que é belo?” com o intuito de fazer questionamentos sobre o que é considerado belo a partir da realidade dos estudantes. Entre suas respostas estavam: natureza, uma pessoa bonita, paisagem. Expliquei o que era o conceito de beleza na arte, que esse conceito está associado a um conjunto de princípios estéticos, que sofre mudanças de acordo com a época em que estamos e isso acaba refletindo na sociedade. É uma apreciação subjetiva, o que é bonito para uma pessoa pode não ser para outra. No entanto, certas características que a sociedade em geral considera atraentes, desejáveis e bonitas são conhecidas como cânones da beleza. Comentei também como esse conceito de beleza está presente em nossa sociedade atualmente no modo de vestir, na mídia e até em brinquedos, ainda, relacionei com o filme “Barbie”, lançado em 2023. Algumas alunas que

assistiram ao filme fizeram um comentário que me chamou a atenção: comentaram que a barbie representa um padrão de beleza, e que no filme fala sobre a questão do machismo e do patriarcado. Abordei a partir desse comentário que como essas construções de poder são uma construção social.

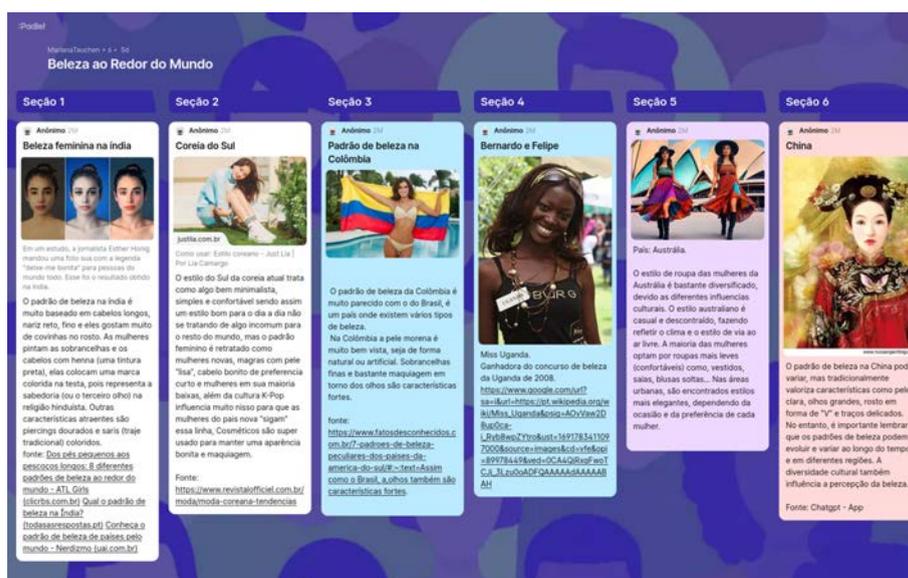
A partir desta explicação, a proposta de atividade que solicitei foi de, em grupos, pesquisar sobre a beleza ao redor do mundo, buscando diferentes padrões de beleza e curiosidades culturais. Ainda, escrever um parágrafo sobre a pesquisa com imagens que ilustram essa temática e postar suas pesquisas em um mural no Padlet dos continentes: África, Ásia, América Latina e Oceania.

Dentre os países que os alunos escolheram foi Índia, Coreia do Sul, Colômbia, Uganda, Austrália e China. Durante esse momento das pesquisas, em um grupo chamou a atenção porque quis pesquisar sobre o padrão de beleza na Índia, e outro queria fazer sobre os Estados Unidos e colocar a imagem da Gigi Hadid¹⁶. Quando reafirmei que era para pesquisar sobre outros países, excluindo os Estados Unidos e a Europa, eles pensaram novamente e decidiram pesquisar sobre a Colômbia por causa da cantora Shakira. O objetivo era que eles procurassem diferentes padrões de beleza de diferentes países sem ser os padrões europeus e norte americanos, para também gerar provocação, sobre esses padrões de beleza coloniais.

No segundo momento fizemos uma roda de conversa sobre os trabalhos da Beleza ao redor do mundo que tínhamos feito na aula anterior na sala de informática. Pedi que os grupos fizessem comentários sobre as questões culturais e alguma curiosidade que viram em suas pesquisas e que não colocaram em seus textos. Dentre as apresentações irei destacar alguns dos trabalhos que chamaram mais atenção pela busca e curiosidade dos grupos sobre os países escolhidos e as questões sobre padrões de beleza. Segue abaixo alguns dos trabalhos realizados.

¹⁶ **Gigi Hadid** é modelo e empresária norte-americana.

Figura 21. Mural Beleza ao redor do Mundo Padlet



Fonte: da autora

O primeiro trabalho apresentado foi da estudante que pesquisou sobre o padrão de beleza na Índia, em sua pesquisa ela destacou: “as características físicas e culturais do padrão de beleza indiano é baseado em cabelos longos, nariz reto, fino e eles gostam de covinhas no rosto. As mulheres pintam as sobrancelhas e os cabelos com henna (uma tintura preta), elas colocam uma marca colorida na testa, pois representa a sabedoria ou terceiro olho na religião hinduísta. Outras características atraentes são piercings dourados e saris (trajes tradicionais) coloridos. Também ela destacou que a relação com a religião e de que antes o padrão de beleza das mulheres eram mulheres mais gordas e que isso era sinal de boa saúde e fertilidade. O que me chamou a atenção com esse último comentário é que podemos fazer uma referência com a imagem da Vênus de Willendorf, de que esse padrão estético tem relação com a fertilidade.

O terceiro grupo pesquisou sobre o padrão de beleza na Colômbia, na abordagem da pesquisa eles ressaltaram: O padrão de beleza da Colômbia é muito parecido com a do Brasil, é um país onde existem vários tipos de beleza. Na Colômbia a pele morena é muito bem vista, seja de forma natural ou artificial. Sobrancelhas finas, e bastante maquiagem em torno dos olhos, são características fortes. Fiz um comentário sobre o trabalho, de que poderiam ter

pesquisado por exemplo sobre como a Colômbia passou por um processo de colonização pelos europeus, e que o padrão estético deriva do europeu e que eles poderiam ter pesquisado sobre beleza dos povos originários e questões culturais.

O sexto grupo pesquisou sobre os padrões de beleza na China em sua pesquisa elas destacam: “O padrão de beleza na China pode variar, mas tradicionalmente valoriza características como pele clara, olhos grandes, rosto em forma de "V" e traços delicados. É importante lembrar que os padrões de beleza podem evoluir e variar ao longo do tempo e em diferentes regiões. A diversidade cultural também influencia a percepção da beleza.” Comentei que achei interessante que elas colocaram que os padrões de beleza mudam conforme o tempo.

A partir deste comentário falei sobre os padrões de beleza, como eles mudam e permanecem algumas coisas na sociedade, e como consequência a este padrão perpetuam os preconceitos como o machismo, racismo, e lgbtfobia e a gordofobia. Provoquei os estudantes de como estes padrões estão presentes atualmente nas redes sociais? A grande maioria respondeu os filtros do instagram, outros relataram as dietas malucas das blogueiras, as influencers fazendo publicações de produtos como shakes para emagrecimento, uma aluna comentou sobre um vídeo no Tiktok de uma blogueira que gravava vídeos de “uma refeição por dia”. Com esse momento pude perceber o que estes adolescentes consomem nas redes sociais, e como estão sendo pressionados desde muito jovens a esses padrões estéticos.

- **Conhecendo e produzindo Vênus**

Em momento a seguir à discussão sobre a pesquisa sobre beleza ao redor do mundo conversei com a turma sobre o corpo feminino os padrões de beleza e as Vênus. Comentei sobre como esses padrões em algumas coisas se mantêm e outras se modificam, mencionei como exemplo a imagem da Vênus de Willendorf e as imagens de mulheres que tinha mostrado na aula anterior, e relatei com a atualidade, com por exemplo, os ex BBB que fazem harmonização facial e de como esses padrões afetam a autoestima e

podem causar problemas de saúde como depressão, distúrbios alimentares ou também de passarem por procedimentos estéticos muito precoce.

Perguntei onde eles viam esses padrões em filmes, séries e novelas, eles comentaram sobre alguns personagens e provoquei com o questionamento de como que é a personagem de mocinha na novela ou série? Eles comentaram características como alta, magra, branca e loira. A partir dessas respostas voltei a falar sobre a questão do racismo e a falta de representatividade nos filmes e novelas. Eles comentaram sobre a novela “Vai na Fé” em que o elenco é magioritariamente negro. Esse momento foi importante para o processo de aprendizagem, permitindo que os estudantes refletissem sobre os padrões de beleza femininos em nossa sociedade.

Nesta conversa apresentei as imagens de quatro Vênus: Vênus de Willendorf, Vênus Capitolina, O Nascimento de Vênus e Nascimento de Oxum. Fiquei surpreendida com o modo das associações dos estudantes debateram e refletiram através do trabalho de Beleza ao redor do mundo e como fizeram associações com as redes sociais e com as Vênus apresentadas.

Figura 22: Montagem de imagens das Vênus



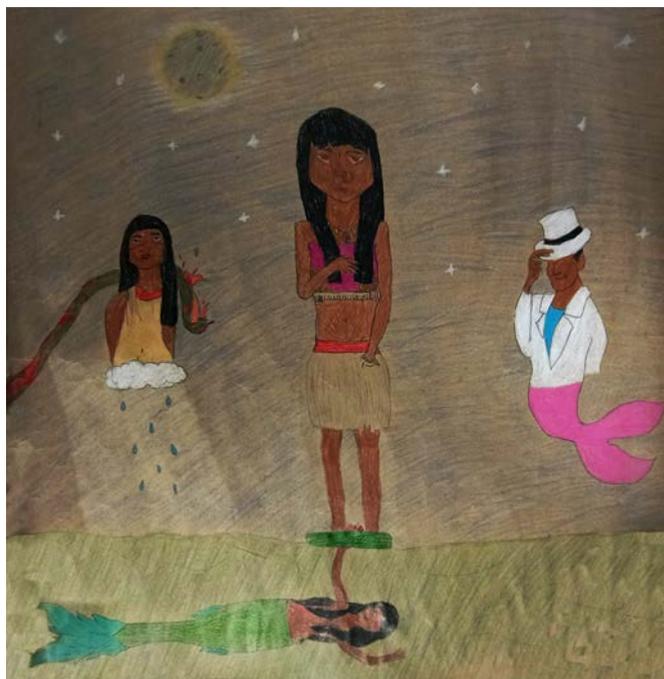
Fonte: Autora a partir das imagens acima.

Na sequência de nossa conversa sobre padrões de beleza, introduzi o conceito de quem eram as deusas Afrodite e Vênus, alguns conheciam a mitologia grega, mas muitos não conheciam. Depois disso retomei o conceito sobre Beleza na arte, e apresentei um trecho do Eco.

junto com o 'gracioso', 'bonito' ou 'sublime', 'maravilhoso', 'soberbo' e expressões similares é um adjetivo que usamos para indicar algo que nos agrada. Parece que nesse sentido, aquilo que é belo é igual àquilo que é bom, e de fato, em diversas épocas históricas criou-se um laço estreito entre o Belo e o Bom. (ECO, 2004, p.6)

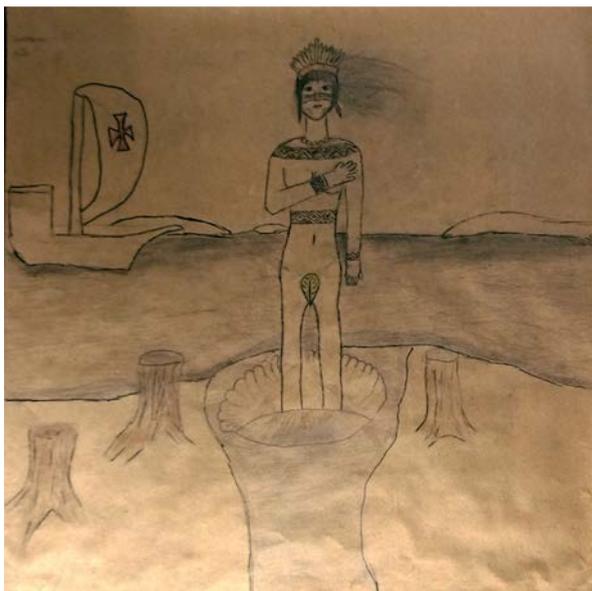
Logo após esse momento fiz a proposta de partir do que foi abordado sobre os padrões de beleza e as Vênus, criar uma releitura da Vênus contemporânea fora dos padrões de beleza. Quem seria a Vênus na nossa sociedade atual? O trabalho deveria ter corpo inteiro e fundo, e poderiam escolher quais as imagens apresentadas das Vênus gostariam de fazer a releitura. Vale destacar que durante o processo de criação dos projetos, me surpreendeu que os estudantes compreenderam a proposta e conseguiram refletir sobre os conteúdos abordados anteriormente, e com criatividade criar suas releituras das Vênus. Segue abaixo alguns dos resultados dos trabalhos elaborados pelos estudantes.

Figura 23. Produção Vênus - Grupo 1



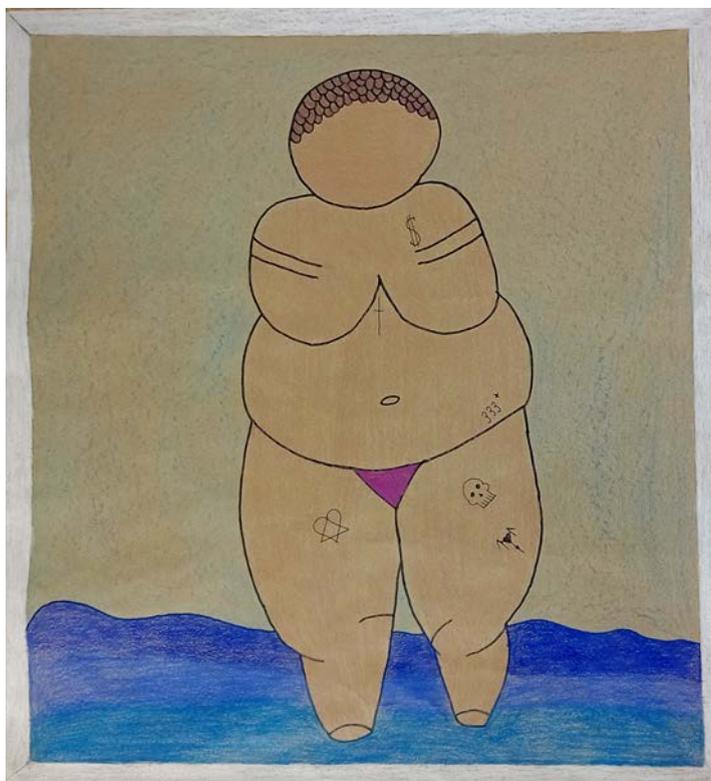
Fonte da autora

Figura 24. Produção Vênus- Grupo 2



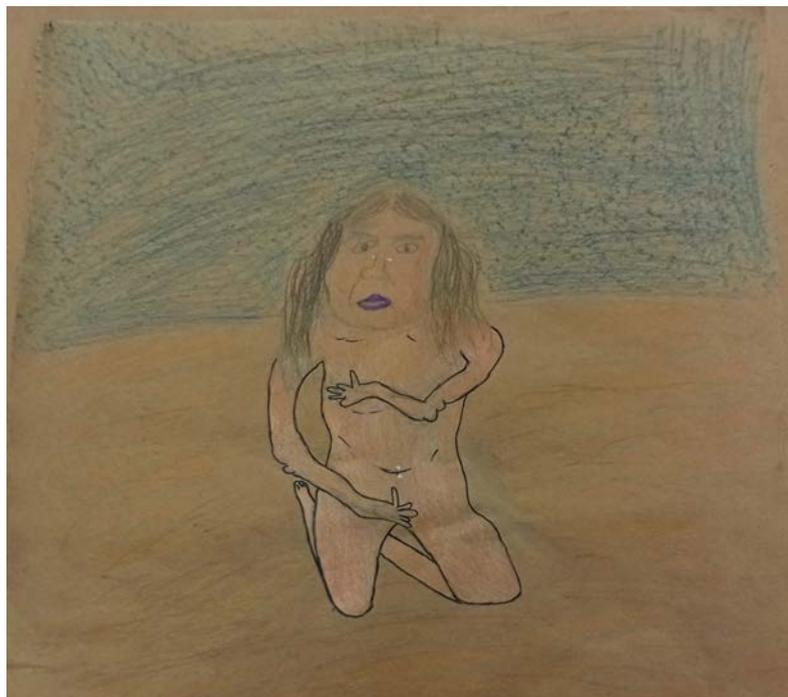
Fonte da autora

Figura 25. Produção Vênus- Grupo 3



Fonte da autora

Figura 26. Produção Vênus- Grupo 4



Fonte da autora

Figura 27. Produção Vênus- Grupo 5



Fonte da autora

Durante o processo de produção dos projetos das Vênus foi possível observar que os estudantes procuraram diferentes referências para suas criações, pensando na sua construção com características fora dos padrões de beleza. Gostaria de destacar o trabalho do Grupo 1 (figura 23), que fez uma Vênus com mistura do folclore brasileiro com elementos indianos. O Grupo 2 (figura 24) fez uma Vênus indígena em um Brasil devastado pela ganância dos colonizadores. O Grupo 3 (figura 25) a Vênus na contemporaneidade com o corpo fora dos padrões de beleza inspirados na Vênus de Willendorf e com tatuagens. O Grupo 4 (figura 26) usou como referência para sua Vênus a influencer PCD Leandrina¹⁷. Outro grupo, Grupo 5 (figura 27), se inspirou na obra Nascimento de Oxum e criou uma Vênus com vitiligo com o corpo volumoso que é modelo.

Dessa forma é possível perceber que o resultado da produção das Vênus e os conteúdos trabalhados referentes ao momento da Beleza ao redor do mundo foi uma experiência transformadora, pois os estudantes construíram coletivamente um pensamento crítico sobre essa temática. Bell Hooks (2020) fala da educação como uma prática da liberdade ao dizer

Quando a educação é a prática da liberdade, os alunos não são os únicos chamados a partilhar, a confessar. A pedagogia engajada não busca simplesmente fortalecer e capacitar os alunos. Toda sala de aula e que for aplicado um modelo holístico de aprendizado será também um local de crescimento para o professor, que será fortalecido e capacitado por esse processo. Esse fortalecimento não ocorrerá se nos recusarmos a nos abrir ao mesmo tempo em que encorajamos os alunos a correr riscos. (p.35)

Nesta direção, penso que a educação e a arte são práticas libertadoras, é através da arte que os alunos podem se expressar de maneira crítica, e o professor cresce coletivamente com o aprendizado dos alunos.

¹⁷ Leandrinha Du Art, é ativista pelos direitos das pessoas com deficiência e mulher trans.

CONCLUSÃO

Para concluir este trabalho volta-se à questão que moveu esta pesquisa sobre qual a relação entre o atual padrão corporal feminino e a história da arte? A partir desta inquietação foram realizados estudos teóricos que perpassam pela História da Arte com destaque para algumas de suas Vênus e artistas contemporâneas que debatem questões relacionadas ao corpo feminino como Pri Barbosa, Orlan e Maria Lídia Magliani, que em suas produções abordam temas como feminismo e o uso do próprio corpo como uma forma artística de questionar padrões estéticos, fazendo uma crítica a sexualização do corpo feminino. Ainda, buscou-se compreender como a sociedade contemporânea, sob influência das mídias sociais, tem lidado com o corpo, em especial o corpo feminino. Tais estudos moveram a elaboração de uma proposta pedagógica realizada junto ao estágio de docência.

Ao olhar para as Vênus, que são apresentadas ao longo da História da Arte percebe-se que a origem da construção de um modelo referencial do corpo feminino é geralmente produzida a partir de um olhar masculino e colonial, na qual suas características seguem o cânone grego e o conceito de beleza harmônica. Nota-se nas obras apresentadas a diferença da perspectiva do olhar de produções artísticas masculinas e femininas, como as obras “O Nascimento de Vênus” e “Nascimento de Oxum”.

No contexto das produções artísticas contemporâneas, artistas mulheres vêm debatendo, por meio de suas produções visuais, questões sobre gênero, raça, feminismo e outras perspectivas relacionadas ao corpo feminino, propondo o protagonismo feminino na arte que por muito tempo foi silenciado na História da Arte.

Tais questões parecem fundamentais frente ao que se percebe na sociedade de forma, na qual redes sociais, contribuem para a perpetuar essa beleza sobre-humana, através dos filtros no instagram, que como consequência incentiva os jovens e adolescentes a realizar processos estéticos em idade precoce. A insatisfação com o corpo, muitas vezes estimulada pela pressão das mídias, têm resultado em outras situações como a depressão e distúrbios alimentares.

Diante desse cenário social complexo, entende-se a relevância em abordar temas relacionados aos corpos, em especial os femininos, no contexto escolar, de modo que os adolescentes pensem criticamente sobre o que vem ocorrendo e sobre o que vêm sendo disseminado nas mídias e, assim, buscar compreender como lidar com esse consumo de informação que lhes chega diariamente.

Por fim, acredito que a minha vivência em sala de aula como também os trabalhos realizados pelos alunos contribuí muito para a minha formação como docente, e para a minha construção como professora, buscando trazer em minhas abordagens uma educação libertadora, que construa um pensamento crítico e que seja aberta ao debate, isso foi possível notar através dos relatos dos alunos do que eles aprenderam nos momentos das aulas como, por exemplo, que as Vênus são como se fossem o padrão que as pessoas buscam atingir ou algo visto como belo. Também descobri padrões de beleza muito diferentes da visão eurocêntrica, que não mostra na mídia. E que as mulheres se expressam e lutam pelos seus direitos através da arte.

REFERÊNCIAS

ABESO, Associação Brasileira para o Estudo da Obesidade e Síndrome Metabólica. **Pri Barbosa a arte de pintar a diversidade de formas**. Disponível em: <https://abeso.org.br/pri-barbosa-a-arte-de-pintar-a-diversidade-de-formas/>. Acesso em 14 jun. 2023.

ANAHP, Associação Brasileira de Hospitais Privados. **Cirurgias plásticas em adolescentes crescem 141% nos últimos dez anos**. Disponível em: <https://www.anahp.com.br/noticias/cirurgias-plasticas-em-adolescentes-cresce-m-141-nos-ultimos-dez-anos/>. Acesso em 10 jul. 2023.

BARBOSA, Priscila. Disponível em: <https://priscilabarbosa.com/en/homeeng/> Acesso em: 14 jun. 2023.

BELTING, Hans. **Antropologia da Imagem**. Lisboa: KKYM + EAUM, 2014.

CAVALCANTI, Jardel Dias. **A imagem do corpo na história da arte: do corpo construído ao corpo destruído**. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/eneimagem/anais2011/trabalhos/pdf/Jardel%20Dias%20Cavalcanti.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2023.

CAMPAGNA, Viviane Namur; SOUZA, Audrey Setton Lopes de. Corpo e imagem corporal no início da adolescência feminina. In: **Boletim de psicologia**, v. 56, n. 124, p. 9-35, 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/bolpsi/v56n124/v56n124a03.pdf>. Acesso em 10 jul.2023.

CALLIGARIS, C. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **La Venus Rajada**. Madrid: Editorial Losada S.A., 2005.

ECO, Humberto. **História da Beleza**.Rio de Janeiro: Record LTDA, 2004.

FLECK, Débora Balzan. **A imagem do feminino: interfaces com a Vênus**. Disponível:<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/29259/000776269.pdf?sequence=1>. Acesso em: 19 dez. 2023.

FROIS, E., MOREIRA, J., & Stengel, M. **Mídias e a imagem corporal na adolescência: o corpo em discussão**. 2011. Disponível em:<https://www.scielo.br/j/pe/a/7yndSDgPJX4jXXYJymhcWkM/?lang=pt>. Acesso em 15 jun.2023.

HOOKS, bell. **Ensinando pensamento crítico**. São Paulo: Elefante, 2020.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir**. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

JEUDY, Henri-Pierre. **O corpo como objeto de arte**. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

LEMOS, Nina. **Plástica contra bullying e a banalização de cirurgias**. Acesso

em: 27 jul. 2023. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/pl%C3%A1stica-contra-bullying-e-a-banaliza%C3%A7%C3%A3o-de-cirurgias-no-brasil/a-66041481>. Acesso em: 10 jul. 2023

MAÇAL, Gabriela. **Mural de artista paulistana está em festival de arte urbana em Paris**. Disponível em: <https://www.metropoles.com/sao-paulo/mural-de-artista-paulistana-esta-em-festival-de-arte-urbana-em-paris>. Acesso em: 10 jun. 2023.

MORAIS, Andressa Brusamarello. **Decolonialidade: a representação do negro na arte de Kehinde Wiley, Harmonia Rosales e Rosana Paulino**. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/6226/TCC%20Andressa%20Brusamarello%20de%20Morais.pdf?sequence=1>. Acesso em: 20 jan. 2023.

ORLAN. Disponível em: <http://www.orlan.eu/>. Acesso em: 14 jun. 2023.

PASCHOLATI, Aline. **Obra de arte cirurgias plásticas: performances de Orlan**. Disponível em: <https://artrianon.com/2018/02/13/obra-de-arte-da-semana-as-cirurgias-plasticas-performances-de-orlan/>. Acesso em: 14 jun. 2023.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. In: **Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 227-278. (Colección Sur).

ROCHA, Guilherme M.; SILVA, Vanessa G. O corpo na contemporaneidade e o enigma da morte: um estudo sobre a arte carnal de ORLAN. In: **ARTEFILOSOFIA**, nº 23, 2017. (pp.218 - 235). Disponível em <https://periodicos.ufop.br/raf/article/view/1273/1056>. Acesso em 13 jun. 2023.

RAMALHO, Isabelle. **O rosto em linhas: o desenho, a fotografia da face e a representação das linhas da vida**. (2023), p.23. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/259184/001171646.pdf?sequence=1>, Acesso em 4 ago. 2023.

SOUZA, A. S. L. & ZANETTI, S. A. **Estudos exploratórios dos desenhos e das características de personalidade de crianças de 4 a 15 anos**. Resumo do III Congresso Nacional da Sociedade Brasileira de Rorschach e outros métodos projetivos, 2004. Porto Alegre, 97-99.

SANTOS, Kyssia. Adolescência e corpo: ideais contemporâneos?. In: **Polêmica**, v. 12, n.2, Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/8650/6624>. Acesso em 15 jul. 2023.

WESTERFELD, S. 2010. **Feios**. Rio de Janeiro: Ed. Record.